

ID: 73443201

05-02-2018

Nacional



Biobanco do IMM guarda 171 mil amostras de doentes e saudáveis

O biobanco do Instituto de Medicina Molecular (IMM) da Faculdade de Medicina de Lisboa armazenava, em dezembro último, 171 605 amostras de 16 797 dadores, segundo informação cedida ao JN. Apresentado oficialmente em 2012, este biobanco guarda informação de pessoas doentes e saudáveis, sob a forma de sangue e derivados (soro, plasma, DNA), tecido, saliva, células, osso, líquido cefalorraquidiano, entre outros.



Bancos de tumores integram rede

Em Portugal, há uma rede nacional de bancos de tumores, da qual fazem parte hospitais e centros de investigação do Porto, Coimbra e Lisboa. A finalidade é guardar amostras de tumores para a investigação biomédica.

Investigação Estrutura do ISPUP armazena sangue, placenta, dentes e cabelos. Informação ajuda a compreender e a prevenir doenças

Biobanco com 200 mil amostras quer crescer

Inês Schreck
ines@jn.pt

► Quase 200 mil amostras humanas estão guardadas no biobanco do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto (ISPUP). Tubinhos de sangue venoso, de sangue do cordão umbilical, dentes, cabelos, leite materno ou placentas, entre outros, contam, ao detalhe, a história de vida de mais de 16 mil pessoas. Material "muito valioso" para a investigação e "relativamente raro a nível mundial" que pode ajudar a compreender melhor as doenças e a encontrar forma de as prevenir ou adiar.

O biobanco do ISPUP é diferente de outros – como os bancos de tumores – porque armazena amostras de pessoas saudáveis ou que, pelo menos, não foram convidadas a participar por terem alguma doença. As amostras – muitas delas colhidas à nascença, nos primeiros anos de vida, na adolescência e também na fase adulta – guardam informação cronológica que, posteriormente, quando surge alguma doença, permite recuar no tempo e perceber o que aconteceu, quando e porquê. Com estas respostas, abre-se caminho à prevenção da doença e promoção da saúde – fim último da saúde pública.

Dezoito anos após as primeiras colheitas, Henrique Barros, presidente do ISPUP, quer agora dar o passo seguinte: ganhar dimensão para ser competitivo do ponto de vista científico, expandir as coleções de amostras ao resto do país e tornar o biobanco do ISPUP "uma grande infraestrutura de investigação em saúde", seguindo o exemplo do UK Biobank, no Reino Unido, fonte de milhares de trabalhos de investigação.

A integração na rede europeia de biobancos é outra ambição, que aguarda validação da Fundação



Enfermeira Daniela Ferreira, responsável pela colheita e preservação das amostras e do biobanco do ISPUP

para a Ciência e Tecnologia. "Estamos suficientemente maduros para avançar para uma estrutura de grande dimensão, mas é preciso que haja um designio nacional nesse sentido, como fizeram os ingleses há dezenas de anos", realça o especialista em saúde pública, sublinhando que os biobancos são sistemáticas fontes de comparação entre pessoas saudáveis e doentes, "um valor inestimável" para a investigação.

Tudo numa gota de sangue

"É como guardar algo que tem uma escrita que ainda não sabemos decifrar, mas que vamos aprendendo à medida que o tempo avança", compara o presidente do ISPUP, que hoje organiza

uma conferência sobre a temática "Biobancos, investigação e saúde pública: promessas e desafios".

O encontro visa, por um lado, reconhecer o altruísmo de milhares de pessoas, sobretudo do Grande Porto, que, nos últimos anos, aceitaram doar parte de si à ciência e, por outro lado, pôr especialistas, políticos e a sociedade civil a discutir dúvidas éticas e deontológicas à volta dos biobancos.

"É como guardar algo que tem uma escrita que ainda não sabemos decifrar"

"Numa gota de sangue, está a pessoa inteira, o código genético todo. As pessoas que dão têm consciência disto? Nós temos e, por isso, temos de respeitar a doação e preservar o seu valor intrínseco", sublinha Henrique Barros.

O consentimento informado de um dador aplica-se a investigações cujos propósitos são desconhecidos? Um dador deve ser informado sobre eventuais alterações na sua amostra para os quais não há explicação, nem solução? Como devem os dadores participar nos processos de decisão relativos ao uso que é dado às amostras? Estas são algumas questões em discussão hoje, a partir das 10 horas, no Museu Nacional Soares dos Reis, no Porto. ●

à lupa:

8

arcas a -80 graus e quatro congeladores a -20 graus guardam os milhares de amostras do biobanco do ISPUP, situado numa sala na cave do edifício da Faculdade de Medicina do Porto.

16

mil pessoas aproximadamente aceitaram doar a "sua história de vida", cedendo amostras biológicas que estão guardada no biobanco do ISPUP.

Quem participa nos estudos?

● O biobanco do ISPUP tem amostras de quatro coortes populacionais portuguesas, que abrangem diferentes gerações: o EPIPorto (população adulta do Porto), o EPITeen (jovens adultos do Porto), a Geração XXI (crianças da cidade do Porto), o Bitwin (gémeos) e amostras transversais representativas da população continental.

Amostras mais estranhas

● Além de dentes, cabelos, sangue venoso e do cordão umbilical, no biobanco do ISPUP há lavados nasais e mecnônio (as primeiras fezes do bebé).

Dezenas de "papers"

● Cerca de 40 artigos científicos por ano resultam de investigações com amostras do biobanco.